

DAVID FOSTER WALLACE

Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo

Tradução

Daniel Galera e Daniel Pellizzari

Seleção e prefácio

Daniel Galera



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by David Foster Wallace Literary Trust

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Na ordem de aparição: “Getting Away from Already Pretty Much Being Away from It All” — publicado originalmente na *Harper’s* (1994) como “Ticket to the Fair”; “A Supposedly Fun Thing I’ll Never Do Again” — publicado originalmente na *Harper’s* (1996) como “Shipping Out”; “Some Remarks on Kafka’s Funniness from Which Probably Not Enough Has Been Removed” — publicado originalmente na *Harper’s* (1999); “Consider the Lobster” — publicado originalmente na revista *Gourmet* (2004) e em seguida no volume *The Best American Essays 2005*; “This is Water” — discurso de abertura no Kenyon College, publicado originalmente em 2009; “Federer as Religious Experience” — publicado originalmente no *New York Times* (2006).

Capa

Elisa von Randow

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Jane Pessoa

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wallace, David Foster, 1962-2008.

Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo / David Foster Wallace ; tradução Daniel Galera e Daniel Pellizzari ; seleção e prefácio Daniel Galera. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2179-3

1. Ensaaios norte-americanos I. Galera, Daniel II. Título.

12-11142

CDD-814

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaaios : Literatura norte-americana 814

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio: Preste atenção — *Daniel Galera*, 7

1. Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo, 21
2. Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer, 103
3. Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante, 229
4. Pense na lagosta, 236
5. Isto é água, 263
6. Federer como experiência religiosa, 276

1. Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo

05/08/93/8H00. O Dia da Imprensa acontece cerca de uma semana antes da abertura da Feira. Devo comparecer ao Prédio Illinois lá pelas 9h00 para conseguir Credenciais de Imprensa. Imagino as Credenciais como um cartãozinho branco na faixa de um fedora. Nunca fui considerado Imprensa na vida. Meu principal interesse nas Credenciais é poder andar de graça nos brinquedos e em todo o resto.

Acabo de chegar da Costa Leste para ir à Feira Estadual de Illinois a convite de uma revista classuda da Costa Leste. Por que exatamente uma revista classuda da Costa Leste está interessada na Feira Estadual de Illinois continua sendo um mistério para mim. Suspeito que de vez em quando os editores dessas revistas dão um tapa na testa, lembram que cerca de 90% dos Estados Unidos ficam entre as Costas e resolvem mobilizar alguém com chapéu de explorador para fazer uma cobertura antropológica de qualquer coisa rural e interiorana. Acho que decidiram me mobilizar dessa vez porque na verdade eu cresci perto daqui, a apenas duas horas de carro de Springfield, no sul do estado. Só que eu

nunca fui à Feira Estadual quando era novo — meio que dei o serviço por encerrado ao chegar no nível da Feira Municipal.

Em agosto a neblina matinal leva horas para se desmanchar. O ar parece lã molhada. 8h00 é cedo demais para justificar o ar-condicionado do carro. Estou na I-55 indo para sso. O sol é um borrão num céu mais opaco do que nebuloso. O milho surge colado aos acostamentos e se estende até a borda do céu. O milho de agosto é da altura de um homem alto. Hoje em dia o milho de Illinois chega à altura do joelho lá pelo dia 4 de maio, graças aos avanços em fertilizantes e herbicidas. Gafanhotos estridulam em todos os campos, um som elétrico e estridente que alcança o interior do carro em alta velocidade com um estranho efeito Doppler. Milho, milho, soja, milho, rampa de acesso, milho e a cada punhado de quilômetros uma vivenda muito afastada num recanto distante — casa, árvore c/ balanço de pneu, celeiro, parabólica. Silos de grãos são a coisa mais próxima de prédios. A Interestadual é monótona e sem cor. Os outros carros ocasionais parecem todos fantasmagóricos e seus motoristas têm o semblante entorpecido pela umidade. Uma neblina paira logo acima dos campos como se fosse a mente da terra ou algo assim. A temperatura passa dos 27 e já começa a subir com o sol. Vai chegar a 32 ou mais às 10h00, dá para prever: o ar já mostra sinais daquele retesamento característico, como se estivesse se recolhendo para enfrentar um longo cerco.

Credenciais às 9h00, Boas-Vindas e Pauta às 9h15, Tour de Imprensa em Trenzinho Especial às 9h45.

Cresci na região rural de Illinois mas fazia tempo que não voltava e não posso dizer que senti falta — o calor lêvedo, a desolação opulenta do milho interminável, a planura.

Mas é como andar de bicicleta, de certa forma. O corpo nativo se reajusta automaticamente à planura, e conforme sua calibragem melhora, dirigindo, você começa a perceber que a planu-

ra uniforme é apenas aparente. Há irregularidades, altos e baixos, leves porém ritmados. O tiro retilíneo da I-55 começará, da forma mais tênue, a se elevar, talvez 5° num quilômetro e meio, para então descer de novo com a mesma sutileza, e então você verá mais adiante uma ponte passando por cima de um rio — o Salt Fork, o Sangamon. Os rios são caudalosos, mas nada parecido com os arredores de St. Louis. Essas sutis elevações que depois descem até rios são morainas glaciais, marcas do antigo gelo que se depositava rente à superfície do Meio-Oeste. Os rios mirrados têm origem em escoamentos glaciais. O caminho inteiro é uma dessas ondas senoidais, mas é como ter pernas de marinho: se você não passou anos aqui, nunca irá sentir. Para o povo das Costas, a topografia do IL rural é um pesadelo, algo que dá vontade de baixar a cabeça e atravessar correndo — o opaco do céu, a constância do verde enfadonho das plantações, a paisagem plana e enfadonha e infinita, uma monotonia para os olhos. Para os nativos é diferente. Para mim, pelo menos, ela se tornou sinistra. Na época em que fui embora para fazer faculdade a região já parecia menos enfadonha do que vazia, solitária. Solitária tipo meio-do-oceano. Você pode passar semanas sem enxergar um vizinho. Dá nos nervos.

05/08/9000. Mas então ainda falta uma semana para a Feira e há algo de surreal no vazio de áreas de estacionamento tão enormes e complexas que possuem seu próprio mapa. As partes do Pátio da Feira que posso ver ao entrar de carro estão divididas em estruturas permanentes e tendas e estandes em variados graus de edificação, dando à coisa toda a aparência de alguém parcialmente vestido para um encontro muito importante.

05/08/9H05. O homem que processa as Credenciais de Imprensa é insípido, pálido, usa bigode e veste uma camisa de malha de manga curta. Enfileirados diante de mim estão repórteres experientes dos periódicos *Today's Agriculture*, *Decatur Herald & Review*, *Illinois Crafts Newsletter*, *4-H News* e *Livestock Weekly*. No fim das contas a Credencial de Imprensa é somente uma fotografia de rosto plastificada com uma boquinha de jacaré para prender no bolso; não há fedoras no recinto. Duas senhoras mais velhas de um órgão local de horticultura puxam conversa comigo em jargão profissional. Uma das senhoras descreve a si mesma como Historiadora Extraoficial da Feira Estadual de Illinois: sai por aí exibindo slides da Feira em asilos e almoços do Rotary. Começa a emitir dados históricos em alta velocidade — a Feira teve início em 1853; houve uma Feira em cada ano da Guerra Civil, mas não durante a Segunda Guerra, e também não houve Feira em 1893 por alguma razão; o Governador não teve condições de cortar pessoalmente a fita do Dia de Inauguração somente duas vezes etc. Me ocorre que eu provavelmente deveria ter trazido um bloco de notas. Também percebo que sou a única pessoa no recinto que está de camiseta. É uma cafeteria com iluminação fluorescente dentro de algo chamado Centro da Melhor Idade do Prédio Illinois, não refrigerada. Todas as equipes de TV locais dispuseram seus apetrechos sobre as mesas e estão encostadas nas paredes descansando e conversando sobre as enchentes apocalípticas de 1993 ocorridas um pouco mais para oeste e que seguem em andamento. Todos usam bigodes e camisas de malha de manga curta. Na verdade os únicos outros homens do recinto sem bigode e camisa de golfe são os repórteres de TV locais, quatro deles, todos vestidos com ternos de corte europeu. São alinhados, não suam e têm profundos olhos azuis. Estão reunidos em pé junto ao palanque. O palanque tem um pódio, uma bandeira e uma faixa dizendo A GENTE QUER CURTIÇÃO!, o que deduzo ser

provavelmente o Tema da Feira desse ano, mais ou menos como os Temas dos bailes de formatura do colégio. Uma ausência cativante de atrito paira sobre os repórteres de TV, todos possuidores de cabelo curto e loiro e uma maquiagem vagamente alaranjada. Uma vivacidade. Fico sentindo uma ânsia esquisita de votar neles para alguma coisa.

As senhoras mais velhas atrás de mim dizem que apostaram que estou aqui para cobrir ou a corrida de carros ou a música pop. Não têm intenção de ofender. Explico por que estou aqui, mencionando o nome da revista. Elas se olham, os rostos radiantes. Uma delas (não a Historiadora) chega a espalmar as mãos contra as bochechas.

“*Amo as receitas*”, diz ela.

“*Adoro as receitas*”, diz a Historiadora Extraoficial.

E acabo meio que propelado até uma mesa só de mulheres com mais de 45 e apresentado como enviado da revista *Harper's*, e todas se olham com uma reverência astronômica e concordam que as receitas são realmente de primeira categoria, coisa fina, o que há de melhor. Uma receita seminal envolvendo Amaretto e algo denominado “chocolate de confeitiro” está sendo relembra e discutida quando a microfonia de um alto-falante dá início ao processo de Boas-Vindas à Imprensa & Coletiva Oficial da Feira.

A Coletiva é chata. O que recebemos dos funcionários da Feira, anunciantes de produtos e políticos estaduais de escalão intermediário não é tanto uma fala, mas um espancamento retórico. Os termos *felicidade*, *orgulho* e *oportunidade* são empregados em um total de 76 vezes antes de eu perder a conta. De repente me cai a ficha de que todas as senhoras mais velhas com quem divido a mesa agora confundiram *Harper's* com *Harper's Bazaar*. Acham que sou alguma espécie de colunista gastronômico ou um garimpeiro de receitas, aqui presente para talvez catapultar algumas das vencedoras dos concursos de comida do Meio-Oeste ao

primeiro time das donas de casa. A Rainha da Feira Estadual de Illinois, com a tiara pregada ao maior penteado que já vi (coques em cima de coques, múltiplas camadas, um verdadeiro bolo de casamento capilar), tem o orgulho e a alegria de ter a oportunidade de apresentar dois caras de uma grande empresa, inexpressivos e suando sem parar dentro dos seus ternos, que por sua vez comunicam o orgulho e a empolgação do McDonald's e do Wal-Mart por terem a oportunidade de ser as maiores empresas patrocinadoras da Feira esse ano. Me ocorre que, se eu permitir que o mal-entendido do garimpeiro-de-receitas-da-*Harper's-Bazaar* persista e circule, poderei surgir a qualquer momento nas tendas do Concurso de Sobremesas com minhas Credenciais de Imprensa para ser alimentado com sobremesas premiadas gratuitas até precisar ser levado embora numa maca. Senhoras mais velhas do Meio-Oeste *sabem* fazer doces.

05/08/9H50. Avançando a 5 km/h no Tour de Imprensa numa espécie de barcaça provida de rodas e atravessada ao comprido por um banco tão ridiculamente alto que os pés de todo mundo ficam balançando. O trator que nos puxa tem avisos dizendo ETANOL e MOVIDO A AGRICULTURA. Me agrada particularmente ver o pessoal do parque montando os brinquedos no “Vale da Alegria” do Pátio da Feira, mas primeiro nos dirigimos às tendas políticas e empresariais. Quase todas ainda estão sendo armadas. Trabalhadores engatinham no topo de armações estruturais. Acenam para eles; eles acenam de volta; é absurdo: estamos a apenas 5 km/h. Uma tenda anuncia MILHO: TOCANDO NOSSA VIDA TODOS OS DIAS. Há gigantescas tendas multimatizadas, cortesia das seguintes empresas e instituições: McDonald's, Miller Genuine Draft, Osco, Morton Commercial Structures Corp., Associação da Soja Terra de Lincoln (VEJA PARA ONDE VAI A SOJA! num estan-

de pela metade), Pekin Energy Corp. (ORGULHO DE NOSSA SOFISTICADA TECNOLOGIA DE PROCESSAMENTO COMPUTADORIZADA), Produtores Suínos de Illinois e Sociedade John Birch (com certeza visitaremos essa tenda). Duas tendas anunciam REPUBLICANOS e DEMOCRATAS. Outras tendas menores abrigam diversos funcionários públicos de Illinois. Já passa dos trinta graus e o céu tem a cor de jeans desbotados. Passamos por um conjunto de elevações até chegar na Exposição Agrícola — cinco hectares de arados trulentos com dentes pontiagudos, tratores, colheitadeiras e semeadores — e depois no Mundo da Preservação, nove hectares dedicados à preservação de algo que não chego a compreender muito bem o que é.

Depois voltamos por trás das grandes estruturas permanentes — o Prédio dos Artesãos, o Centro da Melhor Idade do Prédio Illinois, o Centro de Exposições (está escrito AVES no tímpano, mas é o Centro de Exposições) — passando tantalizadamente perto do Vale da Alegria, onde brinquedos semidesmontados se erguem em arcos e raios gigantes ao redor dos quais molengam uns caras tatuados sem camisa e carregando chaves de boca, exsudando um suave olor de ameaça e interesse humano — e quero ter a oportunidade de bater um papo com eles antes que o Vale abra e haja pressão para passear de fato nos brinquedos do parque, já que sou uma daquelas pessoas que passam mal em brinquedos que proporcionam Experiências-de-Quase-Morte — mas seguimos nos arrastando por uma pista de asfalto até os Pavilhões Animais no setor oeste (contra o vento!) do Pátio da Feira. A essa altura, boa parte da Imprensa saiu do trenzinho e está caminhando para fugir do alto-falante do passeio, que é diminuto e brutal. Complexo Equino. Complexo Bovino. Pavilhão Suíno. Pavilhão Ovino. Pavilhões Aviário e Caprino. Todos são alojamentos compridos de tijolos abertos nas duas pontas. Dentro de alguns há baias; outros possuem cercados divididos em quadrados com gra-

des de alumínio. Os interiores são de cimento cinza, mortíços e pungentes, com ventiladores imensos no teto e trabalhadores de avental e botas de borracha passando a mangueira em tudo. Nada de animais por enquanto, mas os odores do ano passado persistem — o cheiro dos cavalos é penetrante, o das vacas é encorpado, o das ovelhas é oleoso, o dos porcos é inominável. Não faço ideia de como cheirava o Pavilhão Aviário porque não consegui me forçar a entrar. Fui bicado uma vez de forma traumática, na infância, na Feira Municipal de Champaign, e tenho um lance fóbico de longa data com relação a aves.

Com o escapamento do trator movido a etanol liberando um odor literalmente flatulento, nos arrastamos ao largo da Grande Arquibancada onde parece que haverá concertos noturnos e corridas de charrete e de carro — “A MILHA DE CHÃO BATIDO MAIS VELOZ DO MUNDO” — e seguimos em direção a uma coisa chamada tenda Ajuda-me a Crescer para interagir com a primeira-dama do estado, Brenda Edgar. Me ocorre que os 148 hectares de terreno do Pátio da Feira são terrivelmente acidentados para o sul de Illinois; caso não se trate de uma anomalia geológica, houve intervenção humana. A tenda Ajuda-me a Crescer fica sobre uma crista coberta de grama com vista para o Vale da Alegria. Acho que fica perto de onde estacionei. Os brinquedos desmantelados lá embaixo dão complexidade à paisagem. O Centro de Exposições e o Coliseu sobre a crista oposta do outro lado do Vale possuem estranhas fachadas neogeorgianas, muito semelhantes aos prédios mais antigos da U. Estadual em Champaign. No que tange à natureza, é uma bela vista. A enchente para valer fica bem a oeste de Springfield, mas fomos atingidos pela mesma chuva e a grama aqui está viçosa e verdejante, as folhas das árvores inflam explosivamente como as árvores em Fragonard e tudo aqui tem uma fragrância de coisa suculenta, altamente comestível e em processo de amadurecimento num mês em que me recordo

de ver tudo seco e abatido. O primeiro sinal da área Ajuda-me a Crescer é o vermelho brilhante e nauseabundo dos cabelos de Ronald McDonald. Ele está saracoteando ao redor de uma area-zinha recreativa plastificada sob lonas com listras de pirulitos. Embora o fechamento da Feira ao público ainda seja ostensivo, trupes de crianças surgem misteriosamente e se põem a brincar de maneira algo ensaiada enquanto nos aproximamos. Duas crianças são negras, os únicos negros que vi em todo o Pátio da Feira. Nenhum pai por perto. Logo em frente à tenda, a esposa do governador nos aguarda cercada por assistentes de olhar faiscante. Ronald finge tropeçar. A Imprensa se dispõe numa espécie de anel. Vários policiais estaduais de cáqui e bege derramam suor por baixo de seus chapéus de Nelson Eddy. Minha visão não é muito boa. A sra. Edgar é serena, bem-arrumada e bela no sentido laqueado da coisa, pertencente à faixa etária feminina que vem sempre acompanhada de um “perto dos”. Sua falha trágica é a voz, que tem uma sonoridade quase heliada. O Programa Ajuda-me a Crescer da sra. Edgar/McDonald’s, após decocção da retórica, é basicamente uma linha de emergência com cobertura estadual para a qual pais esquentadinhos podem ligar se quiserem ser removidos de espancar seus filhos. O número de telefonemas que a sra. Edgar diz que a linha recebeu somente esse ano impressiona e não impressiona ao mesmo tempo. Panfletos reluzentes são distribuídos. Ronald McDonald, com a fala embotada e a maquiagem parecendo queijo *cottage* no calor, faz sinal para que as crianças se aproximem e sejam submetidas a um pouco de prestigitação barata e pilhéria socrática. Privado do instinto matador do verdadeiro jornalista, fui alavancado bem para trás do anel e minha visão fica obstruída pelos cabelos proeminentes da Rainha da Feira do Estado de Illinois, cuja função no Tour de Imprensa ainda não ficou clara. Não quero difamar ninguém, mas Ronald McDonald soa como se estivesse sob efeito de algo mais que a brisa

pura do campo. Me deixo levar para baixo da tenda, onde há um bebedouro de metal. Mas nada de copos. Está mais quente debaixo da tenda, e há um ranço de plástico fresco. Todos os brinquedos e equipamentos de plástico do parquinho têm placas dizendo CORTESIA DE e em seguida um nome de empresa. Muitos dos fotógrafos dentro do anel vestem trajes de safári verde-empoeirados e estão sentados de pernas cruzadas no sol, batendo fotos da sra. Edgar em contraplongée. A mídia não faz perguntas difíceis. O trator do trenzinho libera uma descarga azul-esverdeada constante, em formato de meia esportiva. Bem na beira da tenda acabo notando que a grama é diferente: debaixo das tendas há um tipo diferente de grama, de um verde cor de pinheiro e aspecto pinicante, mais parecida com a grama Santo Agostinho do sul profundo dos EUA. Sólido jornalismo investigativo de cócoras revela se tratar na verdade de grama sintética. Um imenso tapete de grama sintética foi estendido por cima da grama autêntica da colina debaixo da tenda com listras de pirulito. Talvez esse tenha sido meu único momento de completo cinismo da Costa Leste no dia. Uma rápida olhada embaixo da borda do tapete de grama falsa revela a grama autêntica por baixo, achatada e já começando a amarelar.

Uma das poucas coisas da infância no Meio-Oeste que ainda me fazem falta é essa convicção bizarra, iludida porém inabalável, de que tudo ao meu redor existia única e exclusivamente *Para Mim*. Serei eu o único a ter possuído essa sensação profunda e estranha quando criança? — de que tudo exterior a mim existia apenas na medida em que me afetava de alguma maneira? — de que todas as coisas eram de alguma maneira, por via de alguma atividade adulta obscura, especialmente dispostas ao meu favor? Alguém mais se identifica com essa memória? A criança deixa um quarto e agora tudo naquele quarto, assim que ela não está mais lá para ver, se dissolve numa espécie de vácuo de potencial ou então

(minha teoria pessoal da infância) é levado embora por adultos escondidos e armazenado até que uma nova entrada da criança no quarto ponha tudo de volta em serviço ativo. Será que era insanidade? Era radicalmente egocêntrica, é claro, essa convicção, e consideravelmente paranoica. Fora a *responsabilidade* que implicava: se o mundo inteiro se dissolvia e se desfazia cada vez que eu piscava, o que aconteceria se meus olhos não abrissem?

Talvez o que me faça falta agora seja o fato de o egocentrismo radical e delusório de uma criança não lhe trazer conflitos nem dor. Cabe a ela o tipo de solipsismo majestosamente inocente de, digamos, o Deus do bispo Berkeley: as coisas não são nada até que sua visão as extraia do vazio: sua estimulação é a própria existência do mundo. E talvez por isso uma criança pequena tema tanto o escuro: não tanto pela possível presença de coisas cheias de dentes escondidas no escuro, mas precisamente pela ausência de tudo que sua cegueira apagou. Para mim, ao menos, com o devido respeito aos sorrisos indulgentes dos meus pais, esse era o verdadeiro motivo por trás da necessidade de uma luz noturna: ela mantinha o mundo nos eixos.

Além disso essa noção do mundo como sendo único e exclusivo Para-Ela talvez explique por que eventos públicos ritualísticos fazem uma criança se empolgar até perder a cabeça. Feriados, desfiles, viagens de verão, eventos esportivos. Feiras. Aqui a empolgação maníaca da criança é na verdade a exultação do seu próprio poder: o mundo agora existirá não apenas Para-Ela mas se mostrará *Especial-Para-Ela*. Cada faixa pendurada, cada balão, cada estande decorado, cada peruca de palhaço, cada volta de parafuso na montagem de uma tenda — cada detalhe vistoso significa, remete. Transcorrendo na direção do Evento Especial, o próprio tempo se alterará do sistema anular de instantes e trechos da criança para a cronologia linear mais típica do adulto — o conceito de *aguardar com expectativa* — com momentos sucessivos

sendo riscados rumo a um *télos* marcado com uma cruz no calendário, um novo tipo de Final gratificante e apocalíptico, a hora zero da Ocasão Especial, *Especial*, do *Espetáculo* extravagante e em todos os sentidos excepcional que a criança engendrou e que é, ela intui na mesma profundidade desarticulada da sua necessidade de luz noturna, unicamente Para-Ela, singular no centro absoluto.

13/08/9H25. Abertura Oficial. Cerimônia, apresentações, verbosidade, chavões, tesourona metálica para a fita do Portão Principal. Tempo seco e aberto, mas um calor de franzir a testa. Ao meio-dia estará um forno. Membros da Imprensa com camisa de malha e Visitantes fanáticos de primeira hora formam uma massa que vai do Portão até a Sangamon Avenue, onde moradores com bandeirinhas de plástico convidam você a estacionar em seus jardins por \$5.00. Observo que “Little Jim” Edgar, o Governador, não é muito respeitado pela Imprensa, que em sua maior parte fica cochichando que o carro do pai de Michael Jordan foi encontrado enquanto o pai segue desaparecido. Nenhum antropólogo digno do nome dispensaria os doutos conselhos de um pitoresco habitante local, portanto trouxe uma Acompanhante Nativa para passar o dia comigo (posso botar gente de graça para dentro da Feira usando minhas Credenciais de Imprensa) e estamos em pé quase no fundo. O Governador E. deve ter uns cinquenta anos, é magro como um galgo, usa óculos de armação de aço e tem um cabelo que parece ter sido esculpido em feldspato. Mesmo assim irradia sinceridade após ter sido anunciado por seus lacaios e fala de forma clara, sadia e, creio eu, acertada — tanto sobre o sofrimento terrível da Enchente de 93 quanto sobre a alegria redentora de ver o estado inteiro se unir para ajudar o próximo e sobre a importância especial da Feira Estadual